

Contributo para a nossa sobrevivência entre micróbios e robots

O molusco de Einstein

«Nós vivemos no interior de um imenso molusco, finito, mas sem limites». Sentiu-se na sala um ambiente de satisfação. Embora a questão dos limites não fosse muito clara, a ideia de viverem no interior de um molusco era manifestamente agradável para os jovens micróbios.

À chegada, o prestigiado Presidente da ACUM (Academia das Ciências Universal Microbiana) trocou algumas palavras com o colega (e candidato à sua sucessão): "Sabe, eu não dou muita importância a estas iniciativas do ministro Ogag, mas sempre é preferível falar para os jovens do que para os políticos".

Vieram chama-los. Ao entrar na sala milhares de jovens micróbios levantaram-se e aplaudiram fazendo vibrar as membranzinhas. Na realidade, não eram micróbios verdadeiros, mas robots de micróbios. A sessão era transmitida por vídeo-conferência para outras salas onde biliões de jovens micróbios, estes verdadeiros, a seguiam em directo com a possibilidade de fazerem perguntas.

Um elaborado programa permitia escolher as perguntas dos micróbios reais e fazer sínteses das suas intervenções que depois eram apresentadas pelos robots. Em sessões anteriores, os programas tinham eliminado as perguntas inteligentes e originais com o argumento de serem raras. As intervenções dos micróbios-robots tinham a tal ponto sido desinteressantes que o público tinha ficado com uma péssima impressão da juventude. Com o apoio da Academia tinham sido feitos programas alternativos, desde logo classificados de "elitistas", em que se procuravam seleccionar as "perguntas inteligentes". Naquela reunião ia ser testado um destes programas. Os conferencistas, carregando num botão com a indicação "pi", podiam fazer com que os robots, em vez das perguntas "médias", fizessem "perguntas inteligentes".

O Presidente começou: "Venho fazer-vos uma comunicação da maior importância. Como sabeis, a nossa comunidade científica tem dedicado boa parte do seu tempo a decifrar o valiosíssimo espólio científico da extinta espécie humana que, pode-se dizer, se auto-liquidou com aquela questão da globalização que diminuiu a biodiversidade e a deixou exposta ao nosso mortífero ataque. Num dos últimos séculos da sua existência destacou-se um cientista chamado Albert Einstein. Os nossos matemáticos trabalham para decifrar a sua obra, que não terão ainda inteiramente compreendido, mas ele teve a simpática ideia de escrever obras de divulgação. É com base numa delas, que eu vos trago uma informação importantíssima para nós, micróbios: "Nós vivemos no interior de um imenso molusco, finito, mas sem limites". Sentiu-se na sala um ambiente de satisfação. Embora a questão dos limites não fosse muito clara, a ideia de viverem no interior de um molusco era manifestamente agradável para os jovens micróbios. Aproveitando o bom ambiente, o Presidente carregou no botão "pi" e disse: "Podem agora fazer perguntas".

O primeiro a falar foi um pequeno robot com uma expressão inteligente: "Como é a pele dele?". "De quem?". "Do molusco". "Não tem". "Então como é que está separado do exterior?". "Não há exterior". "Então, o molusco está dentro de quê?". "Está dentro de ele próprio". Houve um silêncio e, depois, um robot disse: "Não entendo". Outras vozes seguiram-se: "Eu também não". "Eu também não".

"Vou explicar", disse o Presidente. "Vocês têm os 6 pontos cardiais: Norte, Sul, Este, Oeste, para Cima e para Baixo. Se andarmos sempre numa direcção regressamos vindos do lado oposto". Um robot com ar de líder estudantil levantou-se e disse: "Quer o senhor dizer que o nosso espaço não é euclidiano?". "Exactamente", disse o Presidente. "Então, se o nosso espaço não é euclidiano, porque é que nos obrigam no 17º ano de escolaridade a fazer um exame da cadeira de Geometria Descritiva euclidiana a 4 dimensões? Esta cadeira deve ser suprimida". "Não", disseram imediatamente outros robots. "A Geometria Descritiva serve para elevar as nossas médias para entrar na Universidade".

A polémica estudantil estalou na sala e o Presidente teve a maior dificuldade em dar a palavra aos robots que já a tinham pedido. O último foi um pequenino robot, que começou a falar muito lentamente: "Se eu tiver um irmão gémeo, ele ficar parado e eu partir numa dessas viagens para um lado com regresso vindo do outro, como é que o senhor me garante que não nos vamos encontrar, ele a mim e eu a ele virados do avesso?" "Virados do avesso?". "Sim, com a mão esquerda tocada pela direita".

O Presidente sentiu-se ele próprio virado do avesso e compreendeu que já não era capaz de dar mais explicações. A polémica estudantil reacendera-se e todos queriam falar. O indicador do nível de entropia discretamente encrostado no púlpito atingira níveis altíssimos, sinal de que de um momento para o outro a situação ficaria fora de controle. Disse, então: "Vou pedir aqui ao meu colega para vos explicar todas estas questões."

O acompanhante não se fez rogado. Subiu ao púlpito, desligou imediatamente o botão "pi" e perguntou: "Querem que vos explique tudo de um modo muito simples?". "Sim, sim", gritaram os robots. "Muito bem. Vocês sabem o que é o «big bang»?". "Sim. Até já fizemos exames sobre isso." "Ótimo. O «big bang» foi o instante em que nasceu o molusco em que agora vivemos". "Fica tudo claro?". "Sim, sim". "Há mais alguma dúvida?" "Não, não".

"Tal-qualmente os humanos na fase última", pensou o Presidente, mas, como não havia mais perguntas, encerrou a sessão. No dia seguinte a imprensa sublinhou a excepcional clareza da intervenção do acompanhante, que quase todos os jornais apresentaram como futuro Presidente da ACUM.